



CORPO SEM CENTRO - A CRIAÇÃO DO NÃO UMBIGO

Centerless Body – The Non-navel Creation

Pires, Beatriz Ferreira; Dr^a.; EACH/USP, beatrizferreirapires@usp.br¹

Resumo: O presente trabalho abordará um tipo de modificação corporal que timidamente começou a ser realizada por adeptos da *body modification* na primeira década deste século e que, ainda hoje, no final da segunda década tem poucos adeptos. Denominada *navel nullo* - remoção do umbigo -, tal técnica ocorre através da retirada da cicatriz resultante do corte do cordão umbilical.

Palavras Chave: Umbigo; Corpo; Modificação Corporal.

Abstract: This work will approach a kind of body transformation that has bashfully started to be performed by body modification adherents on this century first decade and, until today, it still has few adherent. Named *navel nullo* - removal of umbilicus - such technique issues from the removal of the scar resultant of the umbilical cord.

Keywords: Navel; Body; Body Modification.

Introdução

Não há humano nascido que não tenha umbigo. Todos, sem exceção, temos essa marca de nascença resultante da primeira intervenção feita em nossos corpos: o corte do cordão umbilical. A cicatriz, deixada por essa cisão que permite a individualidade física dos sujeitos pertencentes à espécie dos mamíferos, atua também como registro da estreita e imprescindível ligação existente entre corpos gerados e corpos geradores.

¹Arquiteta, prof^a. Graduação e Pós-Graduação do Curso de Têxtil e Moda EACH/USP. Pós-Doutorado (FAPESP): SENAC/SP. Doutorado (FAPESP): FE/UNICAMP. Mestrado (CNPq): IA/UNICAMP. Livros: "O Corpo como Suporte da Arte". SENAC, 2005; "Corpo Inciso, Vazado, Transmudado - Inscrições e Temporalidades". Annablume/FAPESP, 2009.



É por causa do cordão umbilical que o feto se mantém vivo e se desenvolve durante o período da gestação. Condutor de mão dupla, essa estrutura de tecido conjuntivo é composta por duas artérias, uma veia e uma substância gelatinosa denominada geleia de Wharton. Tal substância desempenha a função de proteger os canais venosos evitando, por exemplo, que os mesmos se comprimam. Às artérias umbilicais cabe a função de transportar o sangue rico em gás carbônico do feto à placenta. À veia a de conduzir o sangue rico em oxigênio e nutrientes da placenta ao feto.

Após o nascimento, o cordão umbilical, que nesse momento possui diâmetro de cerca de dois centímetros e mede aproximadamente cinquenta ou sessenta centímetros de comprimento, continua pulsando e enviando oxigênio e nutrientes para o corpo do bebê por aproximadamente três minutos. Deste modo, o momento em que seu clameamento - grampeamento - será executado, pode variar de alguns segundos até três minutos após o parto. Baseado em pesquisas realizadas na área das ciências médicas, que apontam o período de tempo entre o nascimento e o corte do cordão umbilical com um dos fatores facilitadores da prevenção da anemia - deficiência de ferro -, o Ministério da Saúde, no artigo 4º da Portaria N° 371 de 07 de maio de 2014, recomenda que:

II - proceder ao clameamento do cordão umbilical, após cessadas suas pulsações (aproximadamente de 1 a 3 minutos), exceto em casos de mães isoimunizadas ou HIV HTLV positivas, nesses casos o clameamento deve ser imediato; (Ministério da Saúde)

Ainda conforme pesquisas realizadas pelas ciências médicas, o cordão umbilical é o local no qual se encontra a maioria das possibilidades de regeneração humana. É nele que está contido grande número de células tronco em sua fase mais primitiva, ou seja, na fase em que possuem amplo potencial para formar diferentes tipos de células e, conseqüentemente, atuar em diferentes ações terapêuticas que poderão no futuro, caso necessário, favorecer o recém-nascido.



Elo transmissor da vida. Local pulsante que abriga a produção física de possibilidades regenerativas.

Simbolicamente, conforme relatado por Chevalier e Gheerbrant no Dicionário de Símbolos, o cordão umbilical é considerado pelos índios hopis a casa da alma e, pelos bambaras, “a raiz pela qual o ser humano em gestação é preso à terra-mãe.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p.289)

Lugar que abriga a alma. Materialidade decepada, que abriga a imaterialidade. Elo entre o humano e o planeta/cosmos que reforça o pertencimento do primeiro ao segundo.

A cicatriz que resulta de seu corte, e forma aquele que é o foco deste artigo, pode apresentar diferentes aparências. As mais recorrentes se distinguem pelo volume negativo, positivo ou neutro em relação ao perfil do abdômen. Possuidores de volume negativo, os côncavos são os que apresentam maior variedade de formatos. Podem ser arredondados, ovalados, alongados na vertical, alongados na horizontal, em forma de T. Os convexos, possuidores de volume positivo, se distinguem principalmente pelo excedente com que a ponta umbilical se projeta para além da cavidade umbilical. Já a variação dos neutros, que se mantém praticamente no nível do abdômen, está vinculada ao desenho/formato interno da cicatriz que pode, entre outros, se apresentar como um redemoinho, um botão, etc.

Vestígio, resquício, rastro que evidencia a condição de ser humano, o umbigo se apresenta como uma reentrância ou saliência incrustada no centro do corpo.

Simbolicamente “centro do microcosmo humano” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p.659), o umbigo, conforme Chevalier e Gheerbrant, “não indica apenas o centro da manifestação física; é também o centro espiritual de um mundo.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p.659)

A importância desta cicatriz para o reconhecimento da espécie é de tal ordem que, embora Adão e Eva, primeiros seres humanos que habitaram a terra conforme os mitos de origem do cristianismo, não fossem nascidos de um ventre, mas criados



respectivamente a partir de matérias-primas distintas - o primeiro do barro e o segundo do osso de uma costela do primeiro -, em suas inúmeras representações nos são, majoritariamente, apresentados com umbigo.

Cicatriz falsa que atesta a absoluta necessidade dos corpos gerados pelos homens corresponderem àqueles mitologicamente criados pela divindade. Os umbigos colocados nas representações de Adão e Eva testemunham que todos os nascidos pertencem à linhagem dos humanos criados por Deus.

Segundo relatado por Mircea Eliade no livro *Imagens e Símbolos*, o umbigo está presente não somente no corpo dos seres humanos criados por Deus, mas também na Terra por Ele criada. No humano o umbigo está localizado no centro do corpo, na Terra, sua localização é assinalada por ser o local da criação do homem primevo: “o homem foi feito no ‘umbigo da terra’” (ELIADE, 1991, p.40).

Sabemos que geograficamente sempre nos colocamos no centro da Terra. Da feitura dos primeiros mapas aos mapas pertencentes aos aplicativos atuais, todos os caminhos possíveis de serem percorridos partem do lugar em que nos encontramos. Sabemos, também, que à ideia de centro está relacionada à qualidade do que é importante.

O paraíso onde Adão foi criado com o limo encontra-se, obviamente, no Centro do Cosmos. O paraíso era o ‘umbigo da Terra’, e, de acordo com a tradição síria, estava localizado ‘numa montanha mais alta que todas as outras.’ (ELIADE, 1991, p.40)

A relação do corpo humano com a Terra e o cosmos é traçada desde a antiguidade e descrita por pensadores e artistas em textos e imagens. Isidoro de Sevilha (560-636 d.C.), arcebispo de Sevilha por mais de três décadas, talvez seja o primeiro autor que registrou tal relação:

O mundo é, antes de mais, a totalidade de tudo o que existe, formado pelo céu e pela terra (...). Porém, no seu segundo sentido místico, é apropriadamente identificado como homem. Porque, assim como o universo se formou de quatro elementos, assim o homem se compõe de quatro humores (...). (Isidoro de Sevilha, 560-636 d.C., *De natura rerum* apud ROOB, 2006, p.429).



Tal relação coloca em foco a ideia de que existe unidade e correlação entre tudo que existe e que não foi criado pelo ser humano. Partindo deste pensamento, o corpo humano constitui um microcosmo que afeta e é afetado pelo espaço universal então denominado macrocosmo.

De encontro a essa linha de raciocínio, Fakir Musafar (1930-2018), profundo conhecedor das Técnicas de Modificação Corporal, em entrevista a Vale e Juno, publicada no livro Tatuaggi Corpo Spirito, declara que toda e qualquer intervenção feita no corpo não atua apenas na dimensão deste.

Partindo destas premissas, podemos supor que a anulação do umbigo, por acionar conteúdos vinculados à ideia de centro, de espécie, de origem e de linhagem, é um tipo de modificação corporal com capacidade de mobilizar simbolismos potentes pertencentes a diferentes ordens.

Modificações Corporais Contemporâneas

Elemento essencial e indissociável da estética criada, tanto pelos seguidores do padrão de beleza momentaneamente estipulado pela moda institucionalizada, como das vertentes que dele divergem, tais como as pautadas, entre outras, nas técnicas de tatuagem, *piercing*, *escarificação*, *skin removal*, implantes estéticos trans e subdermais que não reproduzem formas humanas, a materialidade do corpo, trabalhada e alterada através de técnicas e procedimentos criados, reproduzidos e desenvolvidos por profissionais pertencentes às áreas da moda, da estética, das ciências médicas e das modificações corporais, cada vez mais é reconhecida como lugar de representatividade da cultura e do período histórico a que pertence.

Os que alteram seus corpos com o intuito de se assemelharem ao máximo do modelo de beleza vigente se submetem a inúmeras circunstâncias e infindáveis e contínuos procedimentos que têm como objetivo unificar a aparência e criar uma legião de iguais, possuidores das mesmas cores de cabelo, pele, dentes, do mesmo peso, da mesma altura, do mesmo formato de nariz, queixo, bochechas, do mesmo tamanho de



seios, nádegas, etc. Para estes indivíduos a crítica à cultura atual, no que tange à estética corporal, inexistente ou ocorre de forma muito branda.

Em paralelo a este, o grupo dos que modificam seus corpos através da aquisição de cores, texturas e volumes que em nada se assemelham aos inatos, se contrapõem à unicidade da aparência dos corpos e aos motivos socialmente propagados e incentivados que levam a ela. Entre as modificações adquiridas pelos membros deste grupo encontra-se a denominada *navel removal*.

Pertencente à categoria de nulificações esta modificação corporal, que é irreversível, resulta da remoção do umbigo. As informações em relação a esse tipo de modificação foram obtidas principalmente no site FRRRKguys, criado e coordenado por T. Angel.

Modificação complexa, que exige profissionais experientes, e, até o momento, possuidora de poucos adeptos, a remoção do umbigo, tanto pode ser feita com o intuito de tornar a superfície do abdômen una, sem interrupção, como com o intento de preparar tal superfície para a posterior aquisição de modificações feitas através da técnica de tatuagem.

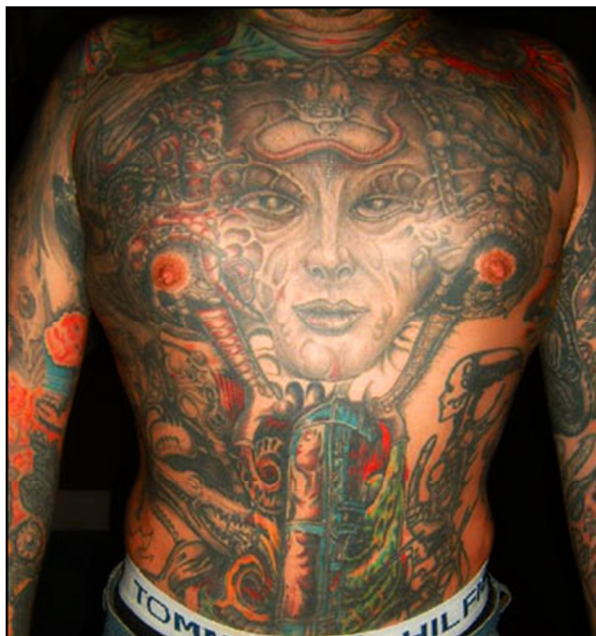
Figura 1: Remoção Umbigo



Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/remocao-de-umbigo/>. Trabalho de Calm BodyMod.



Figura 2: Abdômen tatuado sem umbigo



Fonte: <http://www.frrrkguys.com.br/remocao-de-umbigo/>. Reprodução / BMEzine.

O processo de recuperação dos tecidos atingidos pelo processo de nulificação do umbigo é de aproximadamente dois meses. Durante este período a região na qual a intervenção foi realizada tem sua aparência constantemente alterada.

Uma das pessoas que adquiriu esta modificação foi a tatuadora, modelo e apresentadora de televisão britânica Grace Neutral (1989).

Fazendo um parêntese, coincidentemente, em 2016, Grace veio ao Brasil para filmar uma série de programas para a revista i-D Beyond Beauty sobre o conceito de beleza na cidade de São Paulo. Os vídeos resultantes das entrevistas, que merecem ser vistos, estão disponíveis no YouTube. Através deles a apresentadora coloca em foco, entre outros assuntos, a ideia brasileira/paulista de beleza corporal e as práticas utilizadas para conquistá-la. Ver tais práticas através do olhar de quem possui inúmeras modificações corporais feitas por técnicas que não reproduzem formas inatas e não pretende se assemelhar ao padrão de beleza estipulado, é revelador. Nos vídeos a ideia



de estranho associada ao estrangeiro, àquele que por vir de outro lugar desperta a atenção, o fascínio e o horror se apresenta de forma invertida.

Sob o olhar da estrangeira Grace - estrangeira quanto ao país e quanto às formas e motivos que a levam a modificar seu corpo -, as práticas corporais institucionalizadas feitas pelas paulistas e os motivos que as levam aos procedimentos mostrados soam, no mínimo, equivocados.

Voltando ao foco do texto, Grace que possui várias modificações corporais, tais como tatuagens em diversas partes do corpo, inclusive na esclera, alargadores nasais, bifurcação de língua, reconstrução de orelhas (orelhas de elfo), desenho feito pela técnica de *skin removal* na testa, removeu o umbigo com o propósito de completar seu projeto de modificação corporal que tem como objetivo afastá-la da estética humana.

Figura 3: Grace Neutral - remoção do umbigo.



Fonte: <http://www.dominiosfantasticos.com.br/id1041.htm>. Trabalho de Luna Cobra.



Na contramão do momento no qual a exposição do corpo é constantemente incentivada, a modificação que resulta na retirada do umbigo, por estar localizada numa região corporal que não se mantém o tempo todo visível, é uma transformação direcionada muito mais para o indivíduo que a possui do que para o olhar do outro.

Referências:

CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 17ª edição.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos - Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROOB, Alexander. Alquimia & Misticismo. Taschen, 2006.

VALE, V. e JUNO, A. Tatuaggi, Corpo, Spirito. Milão: Apogeo, 1994.

ANGEL, T. Remoção de umbigo. in Beautification, Body Art & Body Modification Culture. Disponível em: <<http://www.frrrkguys.com.br/remocao-de-umbigo/>>. Acesso em: 09/03/2019.

ECHEVERRIA, Malu. Para que serve o cordão umbilical? in Revista Crescer. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Bebes/Saude/noticia/2014/06/para-que-serve-o-cordao-umbilical.html>>. Acesso em: 17/07/2019.

OLIVEIRA, F. C. C.; ASSIS, K. F.; MARTINS, M. C.; PRADO, M. R.; RIBEIRO, A. Q.; SANT'ANA, L. F.; PRIORE, S. E.; FRANCESCHINI, S. C. C. Tempo de clampamento e fatores associados à reserva de ferro de neonatos a termo. in Revista de saúde pública. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rsp/2014.v48n1/10-18/pt>>. Acesso em: 17/07/2019.

Ministério da Saúde - Secretaria de Atenção à Saúde. Portaria Nº 371, de 7 de maio de 2014. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2014/prt0371_07_05_2014.html>. Acesso em: 17/07/2019.